



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12121 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVI Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPEd Nordeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO DOCENTE

Kelliane de Jesus Nascimento - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Claudio Pinto Nunes - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO DOCENTE

1 INTRODUÇÃO

Estudos que abordam as relações de gênero vêm ganhando espaço significativo no âmbito acadêmico. Tais estudos se mostram importantes, visto que a mulher está ocupando diferentes espaços na esfera social. A partir das leituras desenvolvidas para realizar a dissertação de mestrado que está sendo construída foi possível observar que apesar dos avanços da participação da mulher em diferentes esferas sociais, principalmente advinda das lutas feministas, ainda há muito o que se avançar no que diz respeito às diferenças em função de gênero. Dessa forma, levantou-se o seguinte problema de pesquisa: De que forma as relações de gênero impactam o trabalho docente?

Quanto aos procedimentos metodológicos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2002), a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de um material já elaborado, que se constitui principalmente de livros e artigos científicos. Uma das vantagens dessa pesquisa é o acesso a uma ampla gama de fenômenos. Para tanto, o presente trabalho está dividido em quatro seções. A primeira consiste nesta introdução. A segunda aborda as relações de gênero e trabalho. A terceira versa sobre a mulher no trabalho docente. A quarta e última seção apresenta as considerações finais a respeito do estudo.

2 RELAÇÕES DE GÊNERO E TRABALHO

Para que se compreenda as relações de gênero, inicialmente, faz-se necessário que se entenda a diferença entre sexo e gênero. Giddens (2005) destaca que o sexo se refere às diferenças anatômicas e fisiológicas que definem o corpo de homem e mulher, enquanto o gênero se refere às diferenças psicológicas, culturais e sociais entre homens e mulheres, as quais resgatam as noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade. Scott (1995, p. 28) define gênero como “[...] um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” e “[...] uma forma primeira de significar as relações de poder”. Saffioti (2015) corrobora afirmando que não se pode entender sexo e gênero de forma separada, visto que não existe uma sexualidade biológica independente do contexto social em que é exercida. Saffioti (2015) defende ainda três perspectivas do gênero: (1) gênero e poder; (2) gênero e patriarcado e; (3) gênero e ideologia.

No que se refere a gênero e poder Saffioti (2015) argumenta que as relações de gênero homem e mulher não desfrutam do mesmo poder, de forma que não se pode falar em consentimento quando a mulher tem apenas a possibilidade de ceder. Quanto ao gênero e patriarcado, ressalta que o patriarcado é uma construção recente. Nas sociedades de caça e coleta as mulheres possuíam grande importância social e econômica, pois eram responsáveis pela colheita o que garantia maior estabilidade, já a caça realizada pelos homens nem sempre tinha sucesso. Ademais, as mulheres eram exaltadas, pois eram capazes de gerar a vida e produzir o alimento próprio para as crianças, de forma que estava em suas mãos a decisão de vida ou morte dos filhos. Porém, a relação de equilíbrio e igualdade se transformou em controle e dominação. A partir do momento que a agricultura e a criação de animais para corte geraram grande valor econômico, os filhos passaram a representar força de trabalho para cultivar terras. Assim, quanto mais filhos, maior a capacidade de acumular riqueza. Com a compreensão da reprodução humana e da contribuição masculina, percebeu-se que a mulher também era passível de controle. Com isso, caracteriza-se o patriarcado, marcado pelo controle e dominação dos homens sobre as mulheres. Em relação ao gênero e ideologia no sentido literal, as mulheres falam baixo e se calam em discussões de grupos sexualmente mistos. Além disso, os homens são quem ditam as regras, enquanto as mulheres se sujeitam ao estabelecido por eles. No sentido figurado, a voz grave significa poder e isto se manifesta na posição social do homem (SAFFIOTI, 2015).

A partir dos conceitos apresentados observa-se que o gênero diz respeito a uma construção social. Os reflexos dessa construção social podem ser sentidos e observados em diferentes esferas da sociedade, uma vez que é marcada pelo machismo e patriarcado. (GIDDENS, 2005; SCOTT, 1995; SAFFIOTI, 2015). Para Garcia (2011), o machismo consiste na discriminação com base na crença de que o homem é superior à mulher.

Dessa forma, as mulheres são vistas como frágeis e submissas e a elas são relegadas a esfera privada, a responsabilidade com as atividades domésticas e o cuidado com os filhos, desenvolvendo os laços fortes, ou seja, maior ligação afetiva com o espaço doméstico/familiar. Já os homens são vistos como fortes, e possuem laços fracos, ou seja, menor ligação com o espaço doméstico/familiar, desenvolvendo com mais facilidade os laços no âmbito público. Esses são responsáveis pelo provimento da família, atuando na esfera pública e ocupam as atividades de maior prestígio social (PINTO; MELLO, 2016; CAMELÔ; MARQUES; GOMES, 2015; VALE; SERAFIM; TEODÓSIO, 2011).

A partir da década de 1970 os movimentos feministas contribuíram significativamente nas lutas pelos direitos das mulheres. Entre eles a inserção da mulher no mercado de trabalho. No entanto, apesar dos avanços as mulheres ainda sofrem inúmeras dificuldades, dentre elas, a divisão sexual do trabalho.

Kergoat (2002) apresenta que a divisão sexual do trabalho se divide em dois princípios: (1) o princípio da separação, em que há trabalhos específicos para homens e mulheres e; (2) o princípio da hierarquia, em que o trabalho do homem possui maior valor do que o trabalho da mulher. Em outras palavras, algumas atividades são tidas como femininas e outras como masculinas. Dentre as atividades consideradas femininas, destacam-se aquelas que remetem ao caráter de cuidado e afeto, características culturalmente atribuídas às mulheres e que mais se aproximam das atividades desenvolvidas por elas no espaço doméstico.

As mulheres enfrentam ainda a dupla jornada de trabalho, dado que, mesmo que desenvolvam atividades fora de casa, elas ainda são responsáveis pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Essa dupla jornada por vezes se configura no conflito trabalho-família. Segundo Oliveira, Cazarotte e Paciello (2013), este conflito se apresenta de duas formas: (1) trabalho-família, quando as atividades do trabalho interferem nas relações familiares e; (2) família-trabalho, quando as questões familiares dificultam o desenvolvimento do trabalho. Por vezes as mulheres ainda se sentem culpadas por trabalhar ou por deixar de fazê-lo para se dedicar ao lar e à família (JONATHAN, 2011). Sofrem ainda o fenômeno do teto de vidro, barreira sutil, que por vezes chega a ser invisível, mas que impedem as mulheres de alcançarem cargos mais altos na hierarquia (STEIL, 1997).

3 A MULHER NO TRABALHO DOCENTE

Em busca de superação das barreiras as mulheres vêm lutando pela construção de uma realidade em que os direitos sejam equitativos, e possam ter controle e autonomia sobre sua vida. Nesse processo a educação se configura como uma das principais ferramentas. Kabeer (2013) defende que a formação educacional permite o acesso ao emprego formal. Além disso,

gera outros impactos positivos na vida das mulheres, como a participação política e o poder decisório. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019) as mulheres são maioria em 14 dos 20 maiores cursos de graduação. Gomes *et al.* (2020) evidenciam que as mulheres também se destacam nas produções científicas. Apesar de as mulheres se dedicarem mais à educação e serem mais qualificadas, ainda não conseguiram transpor a barreira salarial, recebendo salários inferiores aos dos homens.

O acesso a educação proporciona a participação da mulher no trabalho docente. Porém esse espaço também sofre impactos das relações de gênero. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2017), as mulheres são maioria entre os professores da educação básica, mas tal destaque se dá em função do trabalho docente sobretudo nos anos iniciais da educação básica se configurar como um trabalho de ensino, afeto e cuidado, aspectos culturalmente atribuídos às mulheres (CAMELÔ; MARQUES; GOMES, 2015).

Nesse sentido Almeida e Machado (2018) citam que, apesar de as mulheres possuírem maior grau de escolarização e serem maioria na docência da educação infantil, quando se analisa a educação superior as mulheres são minorias entre os docentes. Assim, observa-se tanto a divisão sexual do trabalho, quanto o teto de vidro no trabalho docente. Além disso, as mulheres ainda vivenciam as dificuldades próprias do trabalho docente, como o uso excessivo da voz, a carga de trabalho elevada que acarreta em levar trabalho para casa, salas superlotadas, e as vezes ambiente insalubre. Essas dificuldades associadas a segunda jornada feminina no ambiente familiar geram por vezes o adoecimento dessas profissionais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trata de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir dos estudos sobre gênero e trabalho para a elaboração da dissertação de mestrado que está sendo construída. A partir das leituras observou-se a necessidade de avanços no que diz respeito as relações de gênero no mundo do trabalho. Dessa forma o presente estudo objetivou analisar como as relações de gênero impactam no trabalho docente.

As lutas feministas contribuíram para o alcance dos direitos femininos. Porém, apesar de conseguirem se inserir no mercado de trabalho, ainda enfrentam a divisão sexual do trabalho, a dupla jornada de trabalho e o teto de vidro. A educação figura nesse cenário como importante ferramenta de empoderamento, de maneira que as mulheres são a maioria a possuírem diploma de ensino superior. Porém nos cargos de chefias ainda são minorias.

As mulheres são maioria na educação básica devido à associação da atividade ao afeto e ao cuidado, estereótipos femininos. Ademais as mulheres evidenciam maior adoecimento docente, principalmente em decorrência da dupla jornada associada a sobrecarga de trabalho

no espaço escolar.

O presente estudo não teve a intensão de se esgotar a discussão a respeito do tema, mas, apenas contribuir com os debates de gênero, recomenda-se que pesquisas futuras sejam realizadas a fim de fortalecer o debate e o reconhecimento do trabalho desempenhado por mulheres, sobretudo no âmbito da educação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla de Melo. MACHADO, Raimunda Nonata da Silva. MULHER E MERCADO DE TRABALHO: a perspectiva da docência. In: XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd, 2018, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: UFPB, 2018. Disponível em: . Acesso em: 04 set. 2022.

CAMELÔ, Tarciana Maíra Cavalcanti; MARQUES, Thaysa Danyella Lira; GOMES, Wagner Rocha. Participação Feminina no Mercado de Trabalho: Quais barreiras e dilemas ainda bloqueiam esse caminho? In: ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÃO DE TRABALHO, 5., 2015, Salvador. **Anais...** Salvador: ANPAD, 2015. p. 1 – 14, 2015.

GARCIA, Cláudia Maria Serpa. Governança - uma estratégia para o terceiro setor face ao contexto de austeridade. **Revista Psicologia da criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 7, n. 1-2, p. 171 – 191, 2017. Disponível em: . Acesso em: 31 mar 2022.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Almiralva Ferraz *et al.* Inserção de mulheres no mercado de trabalho: um estudo bibliométrico da produção científica no período de 2009-2019. **Revista Ensino e Pesquisa em Administração e Engenharia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 38-54, 2020. Disponível em: <<https://www.repae-online.com.br/index.php/REPAAE/article/view/201>>. Acesso em: 06 set. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Resumo Técnico Do Censo Da Educação Superior 2017**. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: . Acesso em: 05 mai. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Mapa das Organizações da Sociedade Civil**. Brasília, IPEA, 2020. Disponível em: <<https://mapaosci.ipea.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

JONATHAN, Eva G. Mulheres empreendedoras: o desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 65–85, 2011. Disponível em: . Acesso em: 16 abr. 2020.

KABEER, Naila. Contextualizando as trilhas econômicas do empoderamento de mulheres: resultados de um programa de pesquisa em diferentes países. **Revista Feminismos**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 1-28, 2013. Disponível em: . Acesso em: 05 mai. 2020.

KERGOAT, Danièle. A Relação Social de Sexo da Reprodução das Relações Sociais à sua Subversão. **Revista Pro-Posições**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 47-59, 2002. Disponível em: . Acesso em: 03 mai. 2020.

OLIVEIRA, Lucia Barbosa de; CAVAZOTTE, Flávia de Souza Costa Neves; PACIELLO, Raul Ricardo. Antecedentes e Consequências dos Conflitos entre Trabalho e Família. **Revista de Administração Contemporânea**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 418-437, 2013. Disponível em: . Acesso em: 04 mai. 2022.

PINTO, Rosilaine Aparecida; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes. Delegadas na Polícia Civil: Repercussões da Violência Simbólica no processo de Empoderamento. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 9., 2016, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ANPAD, 2016. p. 1 – 18, 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: . Acesso em: 27 abr. 2022.

STEIL, Andrea Valéria. Organizações, gênero e posições hierárquica – compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 62-89, 1997. Disponível em: . Acesso em: 01 mai. 2022.

VALE, Gláucia Maria Vasconcellos; SERAFIM, Ana Carolina Ferreira; TEODÓSIO, Armindo dos Santos de Sousa. Gênero, Imersão e Empreendedorismo: Sexo Frágil, Laços Fortes?. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 4, p. 631-649. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a05v15n4.pdf>; >. Acesso em: 30 abr. 2022.